

A abordagem da sexualidade no Currículo de São Paulo

The approach of sexuality in São Paulo's Curriculum

Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda

Centro de Ciências Naturais e Humanas, Universidade Federal do ABC

meiri.miranda@ufabc.edu.br

Resumo

Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa documental realizada a partir do material que compõe o Currículo de São Paulo, criado e distribuído pela Secretaria de Educação do Estado. O objetivo do presente trabalho é analisar como este currículo aborda o tema sexualidade e, a partir das estratégias e conteúdos propostos, verificar quais as concepções de Educação Sexual presentes neste material. Observou-se um predomínio de conteúdos relacionados à sexualidade nas matrizes curriculares de Ciências e Biologia, reiterando a visão tradicional de uma Educação Sexual de cunho biológico. Por outro lado, analisando os temas e estratégias de trabalho sugeridos nos Cadernos do Professor, ficou evidente que a proposta busca trabalhar a sexualidade dentro de um contexto sociocultural e através de uma pluralidade de metodologias. Por fim, discutem-se, frente à transversalidade proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, as possibilidades e limitações da inserção do tema em disciplinas específicas.

Palavras-chave: Educação Sexual, currículo, estratégias, conteúdos.

Abstract

This article presents the initial results of a documental research on the resources that compose São Paulo's Curriculum – developed and distributed by the State Governmental organ: “Secretaria da Educação”. The aim of this article is to analyse how this curriculum approaches the theme “sexuality” and, based on its proposed strategies and contents, verify what conceptions of sexual education are present in this material. It has been observed a predominance of such contents in the biology curriculum, reiterating the traditional view of biological sexual education. On the other hand, analysing the themes and strategies suggested on the “Cadernos do Professor” (teacher's guide) it became clear that it aims sexuality in a sociocultural context through a wide variety of methods. Finally, it is discussed, given the transversal proposal defined by the National Parameters of Curriculums, the possibilities and limitations in inserting sexual education in specific subjects.

Key words: sexual education, curriculum, strategies, contents

Educação Sexual nas escolas

Quando falamos em Educação Sexual na escola, comumente nos perguntamos a quem cabe este papel. Quando era professora da rede estadual de ensino de São Paulo, percebia, nitidamente, que a comunidade escolar associava o tema sexualidade às áreas de Ciências e Biologia.

Analisando a história da Educação Sexual, observamos que os primeiros trabalhos realizados foram voltados, basicamente, para o prisma biológico. Acreditava-se, então, que a aula de

Ciências "dava conta" do que se pensava ser um trabalho de Educação Sexual (RIBEIRO, 2007). Como verificado por Silva & Carvalho (2005), foi apenas após a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no fim da década de 1990, que a Educação Sexual entrou definitivamente nas escolas, através de projetos e aulas específicas. Hoje, os aspectos emocionais, socioculturais, históricos, entre outros, são fundamentais quando pensamos em trabalhar este tema.

Os PCN propõem que a sexualidade seja trabalhada como um Tema Transversal, intitulado Orientação Sexual. Os Temas Transversais foram definidos com base na sua relevância para a cidadania, envolvendo questões sociais e tendo a ética como eixo norteador, por envolver posicionamentos e concepções a respeito de suas causas e efeitos, de sua dimensão histórica e política (BRASIL, 1998).

Segundo os PCN (BRASIL, 1998),

(...) a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser: clara, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes. (BRASIL, 1998, p. 307).

Sobre a inserção do tema Orientação Sexual nos PCN, Figueiró (2006a) considera:

O texto que trata da educação sexual do PCN é de boa qualidade, objetivo e útil como forma de introdução ao estudo da sexualidade. Traz fundamentações teóricas básicas e orientações didáticas pertinentes. Considera a educação sexual como uma expressão cultural e a aborda em suas dimensões: biológica, psíquica e sociocultural. Salienta a veiculação da educação sexual com a cidadania, a ética e os direitos humanos, assim como com a educação para a saúde. (FIGUEIRÓ, 2006a, p. 55).

Nunes & Silva (2006) também consideram esta inserção uma iniciativa importante para a produção de novas metodologias de abordagem dos conteúdos escolares. Acrescentam que o documento "expressa uma preocupação significativa com a questão da Cidadania, com a Ética e com os Direitos Humanos, revelando uma atitude de respeito à expressão individual, coletiva e sociocultural da sexualidade." (NUNES & SILVA, 2006, p. 64).

A proposta é que o trabalho de Orientação Sexual ocorra dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas áreas do currículo e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. Tem como objetivos: propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa; oferecendo critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade e apresentando três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: corpo humano, relações de gênero e prevenção às DST/AIDS (BRASIL, 1998).

Dentro do eixo Corpo Humano, propõe-se a abordagem do corpo como matriz da sexualidade, tendo como objetivos propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro; fortalecer a auto-estima; desenvolver noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde; compreender e tranquilizar quanto às transformações hormonais da puberdade e relacioná-las aos significados culturais que lhes são atribuídos. Quanto às relações de gênero, esta discussão propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis. E, no eixo Prevenção às DST/AIDS, pretende-se oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção das doenças, combater a discriminação

que atinge portadores do HIV e doentes de AIDS e contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens (BRASIL, 1998).

Referenciais teóricos

Nesta pesquisa, utilizo como referenciais teóricos os trabalhos de Figueiró (2006a, 2006b), Furlani (2011), Nunes (2005) e Nunes & Silva (2006), em especial, no que concerne às concepções de sexualidade e Educação Sexual.

Frequentemente, deparamo-nos com uma visão simplista acerca destes termos, como salientado por Furlani (2011):

(...) uma vez que há um entendimento tácito de que o objeto da educação sexual é a Biologia... Que seus assuntos e conteúdos devem versar sobre o conhecimento do corpo e da prática do sexo seguro, culminando em temas como aparelho reprodutor masculino e feminino, puberdade, menstruação, doenças sexualmente transmissíveis, HIV e AIDS, gravidez na adolescência, virgindades, iniciação sexual. (FURLANI, 2011, p. 15).

Apenas quando nos aprofundamos no estudo da sexualidade, descobrimos que, sexo e sexualidade não são sinônimos. Como definido por Nunes & Silva (2006), sexo é a marca biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais e sexualidade é um conceito mais amplo, é expressão cultural. Para estes autores, a sexualidade é marca única do ser humano, tudo o que fazemos é parte da nossa dimensão de ser sexuado.

Silva *et al.* (2011) ressaltam que: “A sexualidade é inerente ao ser humano e se faz presente, de forma significativa, em todas as fases do desenvolvimento humano, da infância à velhice.” (SILVA *et al.*, 2011, p. 4). Figueiró (2006b) explicita que a sexualidade “inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. (...) os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.” (FIGUEIRÓ, 2006b, p. 2)

Nunes (2005) considera que a abordagem da sexualidade na escola não é uma tarefa fácil, principalmente, em função da riqueza dessa dimensão humana e de todos os significados, valores morais e costumes sociais relativos ao tema e historicamente adquiridos. No entanto, como enfatizado por Figueiró (2006a), conscientes ou não, todos somos educadores sexuais quando, no contato com crianças e adolescentes, transmitimos mensagens implícitas e explícitas sobre sexualidade, contribuindo para a construção de ideias, valores e sentimentos.

Para Figueiró (2006b), uma efetiva Educação Sexual:

(...) é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; para educar sexualmente, é preciso saber ouvir; o aluno deve ser visto como um sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; o professor deve ser a pessoa que cria condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos. (FIGUEIRÓ, 2006b, p. 7)

Sobre a pesquisa

Desde 2008, o Estado de São Paulo possui um currículo básico para os Ensinos Fundamental e Médio. O Currículo de São Paulo, inicialmente denominado Proposta Curricular do Estado de São Paulo, foi criado com a intenção de “apoiar o trabalho realizado nas escolas estaduais e contribuir para a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos.” (SÃO PAULO, 2010a, p. 7).

Com este intuito, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo criou uma série de subsídios para o trabalho realizado nas escolas, como o documento básico curricular, o Caderno do Gestor e os Cadernos do Professor e do Aluno. Estes últimos são organizados por disciplina, série e bimestre contendo:

(...) Situações de Aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos e a aprendizagem dos alunos. Esses conteúdos, habilidades e competências são organizados por série/ano e acompanhados de orientações para a gestão da aprendizagem em sala de aula e para a avaliação e a recuperação. Oferecem também sugestões de métodos e estratégias de trabalho para as aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclasse e estudos interdisciplinares. (SÃO PAULO, 2010a, p. 8)

Quando fui professora de Biologia e Ciências da rede estadual de ensino de São Paulo, tive a oportunidade de trabalhar com este material. Ao observar a inserção, no Currículo, de Situações de Aprendizagem sobre sexualidade, surgiram a motivação e o interesse para o presente estudo.

Destarte, realizei uma pesquisa documental, definida por Oliveira (2007) como aquela que “... caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 69). Diferencia-se da pesquisa bibliográfica por ser baseada na análise de dados originais ou fontes primárias.

Segui as etapas da pesquisa documental propostas por Gil (2010): formulação do problema, elaboração do plano de trabalho, identificação e localização das fontes, obtenção do material, análise e interpretação dos dados e redação final.

O mesmo autor afirma que, quando os documentos referem-se a textos escritos ou transcritos, o procedimento mais utilizado para a análise e interpretação dos dados é a Análise de Conteúdo. Pois, esta técnica “visa descrever de forma qualitativa o conteúdo manifesto da comunicação.” (GIL, 2010, p. 67).

Para Bardin (1977), as diferentes fases da Análise de Conteúdo são: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira etapa da pré-análise é a leitura flutuante do documento, na qual, ao analisar o texto, devemos nos deixar invadir por impressões e orientações. Posteriormente, procede-se à escolha dos documentos a serem analisados. Neste caso, foram as matrizes de conteúdos presentes no Currículo do Estado de São Paulo para as áreas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (SÃO PAULO, 2010a), Ciências Humanas e suas tecnologias (SÃO PAULO, 2010b), Linguagens, códigos e suas tecnologias (SÃO PAULO, 2010c) e Matemática e suas tecnologias (SÃO PAULO, 2010d), todas disponíveis na internet; os 16 Cadernos do Professor de Ciências, do Ensino Fundamental II, e os 12 de Biologia, do Ensino Médio, aos quais tive acesso na ocasião em que trabalhava na rede estadual de ensino de São Paulo. Estes materiais constituíram o *corpus* da minha pesquisa, ou seja, o conjunto dos documentos submetidos aos processos analíticos.

Ainda na pré-análise, defini os objetivos desta pesquisa, os quais podem ser expressos nas seguintes questões norteadoras:

1. Como o currículo de São Paulo aborda a questão da sexualidade?
2. Analisando as estratégias e conteúdos propostos, quais as concepções de sexualidade e Educação Sexual presentes neste material?

Durante a etapa de exploração do material, utilizei o tema sexualidade como unidade de registro, procurando enumerar sua presença nas matrizes de conteúdos das diversas áreas existentes no Currículo de São Paulo. Posteriormente, serão construídos indicadores que permitirão a organização de categorias de análise das concepções de sexualidade e Educação Sexual presentes no documento.

Apresento, aqui, resultados parciais desta pesquisa, na qual, inicialmente, analisei os conteúdos e estratégias propostos nos documentos, relacionados ao tema sexualidade, tendo como referenciais as concepções de Educação Sexual presentes em Figueiró (2006a, 2006b), Furlani (2011), Nunes (2005) e Nunes & Silva (2006).

A Sexualidade no Currículo do Estado de São Paulo

Nos Cadernos do Professor, além da divisão por série e bimestre, cada situação de aprendizagem possui a identificação do número de aulas necessárias para o seu desenvolvimento, os conteúdos e/ou temas a serem trabalhados, as competências e habilidades que se espera desenvolver nos alunos, as estratégias sugeridas e os recursos necessários. Os Cadernos do Aluno acompanham a proposta do material do professor, contendo os textos de apoio e as atividades que os alunos devem realizar, inclusive com espaços para o seu desenvolvimento.

Em uma primeira análise das matrizes curriculares das disciplinas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, observei um claro predomínio de conteúdos relacionados à sexualidade nos currículos de Ciências e Biologia. Encontrei apenas os seguintes tópicos pontuais em outros componentes curriculares: “A questão do gênero”, ao falar de Atividade Rítmica em Educação Física, na 6ª série/7º ano e 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental II; “Gênero”, ao tratar de relacionamentos sociais na 1ª série do Ensino Médio, em Sociologia, e “Sexualidade e linguagem”, na grade curricular da 2ª série do Ensino Médio de Língua Portuguesa (SÃO PAULO, 2010b, 2010c).

Com base nestes resultados, restrinjo-me, neste estudo, a analisar os currículos de Ciências e Biologia. Em Ciências, identifiquei o tema sexualidade entre os conteúdos previstos para o 2º bimestre da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental II e em Biologia, a proposta é que se trabalhe no 4º bimestre da 1ª série do Ensino Médio e no 2º bimestre da 3ª série do Ensino Médio.

Na sequência, analisarei as orientações presentes no Caderno do Professor para o desenvolvimento desses conteúdos.

A sexualidade no Currículo de Ciências da 7ª série do Ensino Fundamental II

O 2º bimestre da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental II tem como tema norteador a reprodução dos seres vivos, objetivando auxiliar na “formação de indivíduos capazes de se responsabilizar pelo seu corpo, sua saúde e a saúde de seus parceiros sexuais” (SÃO PAULO, 2008a, p.8). O bimestre inicia-se com o estudo das estratégias reprodutivas dos seres vivos, corte e acasalamento, e os tipos de reprodução, sexuada e assexuada. Estas situações de

aprendizagem, como são denominados os temas de trabalho no currículo de SP, são previstas para sete aulas.

Em seguida, a proposta é voltada para a Sexualidade Humana, objeto deste estudo. Como apresentado na Tabela 1, na 7ª série, são cinco situações de aprendizagem que abordam o tema. Ao todo, são estimadas 18 aulas para este assunto, contemplando o estudo da anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, da fecundação, gravidez e parto, das alterações decorrentes da puberdade, das DST/AIDS e dos métodos contraceptivos.

Tabela 1. Situações de aprendizagem sobre Sexualidade previstas no Currículo do Estado de São Paulo para o 2º bimestre de Ciências da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental II.

Situação de aprendizagem / tempo previsto	Conteúdos	Estratégias
Reprodução humana: corpo e órgãos / 2 aulas	Anatomia interna e externa dos sistemas reprodutores masculino e feminino.	Desenho participativo do corpo reprodutivo humano (masculino e feminino) a partir de idéias prévias dos alunos; uso de <i>software online</i> para investigação sobre anatomia dos órgãos reprodutivos humanos.
Puberdade e adolescência / 5 aulas	Mudanças físicas, emocionais e hormonais relacionadas ao amadurecimento sexual dos seres humanos.	Construção de tabela e gráfico de altura em relação à idade; interpretar gráficos de crescimento diferenciado de meninos e meninas; reflexão e discussão sobre o conceito de puberdade e adolescência.
Ciclo menstrual e gravidez / 5 aulas	Mudanças físicas, emocionais e hormonais relacionadas ao amadurecimento sexual dos seres humanos; ovulação, fertilização, gravidez e parto.	Uso de <i>software online</i> para investigação sobre ciclo menstrual; exibição de documentário sobre gestação humana.
AIDS e o uso de preservativos: sexo seguro / 4 aulas	AIDS, vulnerabilidade e preservativos masculinos e femininos.	Exposição dialogada sobre a AIDS; leitura e interpretação de artigo “Pesquisa revela comportamento dos jovens sobre sexo, drogas e prevenção das DST/AIDS”; exposição dialogada sobre vulnerabilidade e contaminação pelo HIV entre adolescentes; demonstração do uso de preservativos masculinos e femininos; discussão em grupo sobre fatores que levam os adolescentes a não usarem o preservativo.
Gravidez na adolescência e métodos contraceptivos / 2 aulas	Métodos contraceptivos	Pesquisa orientada sobre métodos contraceptivos seguida de construção de tabela informativa e exposição para a classe dos resultados da pesquisa.

Fonte: SÃO PAULO, 2008a

Como visto na Tabela 1 e salientado no próprio Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2008a), este material propõe uma diversidade de estratégias de trabalho com os alunos, com o intuito de incentivá-los a atuarem diretamente com o professor na construção do conhecimento. Observa-se, entre outros, o uso de *software online*, filmes, desenho, leitura de textos, construção de tabelas e gráficos e discussões.

Este pluralismo metodológico é defendido por outros autores, como Laburu *et al.* (2003) que, em relação ao ensino de Ciências, dizem que “quanto mais variado e rico for o meio intelectual, metodológico ou didático fornecido pelo professor, maiores condições ele terá de desenvolver uma aprendizagem significativa da maioria de seus alunos” (LABURU *et al.*, 2003, p. 258). Já para o trabalho com sexualidade, Figueiró (2006a) afirma que ele não pode limitar-se à aula expositiva, embora ela seja necessária em alguns momentos, pois devemos procurar atividades em que o aluno esteja envolvido ativamente.

É importante destacar a inserção de discussões acerca de estereótipos relacionados a homens e mulheres na situação de aprendizagem “Reprodução humana: corpo e órgãos”. Ao analisar os PCN, Figueiró (2006a) defende que ter “relações de gênero” como um dos blocos de conteúdo é imprescindível para assegurar o êxito da Educação Sexual, preocupação que também foi constatada na elaboração do Currículo do Estado de São Paulo.

Outro ponto que me despertou a atenção foi na situação de aprendizagem “AIDS e o uso de preservativos: sexo seguro”, quando são sugeridas duas questões para os alunos que abordam a diversidade de orientações sexuais: “Como é para um garoto falar para uma garota ou outro garoto que vai usar camisinha? Isso muda quando é um namoro estável?” e “Como é para uma garota falar para um garoto ou uma garota que vai usar camisinha? Isso muda quando é um namoro estável?” (SÃO PAULO, 2010a, p. 36). Considero importante a inclusão de questões, mesmo que pontuais, que abram espaço para esta discussão, visto que, a discriminação da população homossexual e atitudes e valores homofóbicos são comuns no ambiente escolar, como já relatado em pesquisas e documentos, como Brasil (2008).

No Currículo de São Paulo, prevê-se que o professor de Ciências trabalhe o tema utilizando também estratégias e linguagens próprias de outras disciplinas, como, por exemplo, a construção de gráficos e tabelas para evidenciar o crescimento diferenciado na adolescência. A meu ver, não se trata da interdisciplinaridade proposta nos PCN, na qual os professores das diferentes áreas desenvolvem o tema, por meio de sua própria proposta de trabalho (BRASIL, 1998).

A sexualidade no Currículo de Biologia da 1ª série do Ensino Médio

O 4º bimestre da 1ª série do Ensino Médio apresenta três situações de aprendizagem voltadas para a Educação Sexual, totalizando 10 aulas (Tabela 2).

Segundo a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008b), o objetivo central das atividades previstas para a 1ª série do Ensino Médio é a formação de um cidadão consciente da realidade que o rodeia. Para isso, as orientações presentes no Caderno do Professor ressaltam a importância da construção de um espaço de diálogo, no qual o professor atue como um mediador nas discussões sobre sexualidade, coibindo preconceitos e estereótipos. Esta postura condiz com aquela descrita nos PCN (BRASIL, 1998) e defendida por Figueiró (2006b).

Rosistolato (2009), ao pesquisar como o Sistema Municipal do Rio de Janeiro trabalha a sexualidade, constatou que a principal estratégia de trabalho utilizada são as atividades lúdicas ou dinâmicas, por propiciarem uma mediação entre razão e afetividade e permitirem que os alunos aprendam, na mente e no corpo, o assunto desenvolvido. A inserção dos jogos do

Projeto Vale Sonhar na situação de aprendizagem “Menina-mãe, menino-pai” evidencia essas possibilidades. Como professora, ao trabalhar com estes jogos, pude perceber um grande interesse por parte dos alunos. A própria competitividade natural desta faixa etária (14 a 15 anos), fazia com que todos, até os alunos mais indisciplinados, buscassem a informação correta que os levaria à vitória.

Tabela 2: Situações de aprendizagem sobre Sexualidade previstas no Currículo do Estado de São Paulo para o 4º bimestre de Biologia da 1ª série do Ensino Médio.

Situação de aprendizagem / tempo previsto	Conteúdos	Estratégias
Menina-mãe menino-pai / 4 aulas	Gravidez na adolescência	Leitura de textos e gráficos; análise da proveniência das informações; levantamento e teste de hipóteses sobre gravidez na adolescência; discussões em grupo; jogos ¹ .
A AIDS também é problema seu / 4 aulas	AIDS – o que é, como prevenir	Leitura de textos; pesquisa em livros didáticos, enciclopédias, dicionários ou internet; análise de situações fictícias, porém prováveis, envolvendo portadores do HIV.
Camisinha é prevenção / 2 aulas	Saúde – prevenção contra AIDS, DSTs e gravidez indesejada.	Leitura e elaboração de textos explicativos (instruções de uso da camisinha).

Fonte: SÃO PAULO, 2008b

Na primeira dinâmica proposta pelo “Vale Sonhar”, convidam-se os alunos a refletir sobre quais seriam as consequências de uma gravidez não-planejada em suas vidas, tanto para meninas como para meninos, especialmente, em relação ao futuro profissional e à realização de seus sonhos. Furlani (2011) destaca a originalidade desta abordagem educativa, principalmente por proporcionar ao jovem uma reflexão sobre os seus sonhos, o que condiz com pesquisas atuais, que associam muitos casos de gravidez na adolescência com a realização de um papel social por parte de jovens que não têm uma perspectiva profissional (Heilborn *et al.*, 2006 apud SILVA *et al.*, 2009)

O Caderno do Professor propõe, entre as atividades da situação de aprendizagem “A AIDS também é um problema seu”, a análise de pequenas histórias com o objetivo de decidir se trata-se de prevenção ou preconceito. Esta iniciativa encontra sustentação na orientação dos PCN, onde diz que: “É preciso discutir com os alunos a discriminação social e o preconceito de que são vítimas os portadores do HIV e os doentes da AIDS” (BRASIL, 1998, p. 328).

Observa-se, ao analisar as estratégias propostas, que algumas atividades se repetem nas séries estudadas. Como exemplo, cito a aula que versa sobre a correta colocação da camisinha, presente na 7ª série do Ensino Fundamental II e na 1ª série do Ensino Médio. Figueiró (2006b) concorda com esta estratégia, o que fica claro quando diz: “Os alunos precisam ter

¹ Projeto “Vale Sonhar”, elaborado pelo Instituto Kaplan e distribuído pela Secretaria de Educação a todas as escolas públicas de São Paulo. Composto por três oficinas que versam sobre as consequências de uma gravidez não-planejada, anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais e formas de contracepção.

várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo, portanto, longo” (FIGUEIRÓ, 2006b, p. 14). Como cada aluno amadurece dentro de seu próprio ritmo, seu interesse pelos assuntos relacionados à sexualidade também desperta em épocas distintas.

Currículo de Biologia para a 3ª série do Ensino Médio

No 2º bimestre da 3ª série do Ensino Médio é proposta uma situação de aprendizagem sobre sexualidade, composta por quatro aulas como discriminado na Tabela 3.

Como evidenciado no Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2008c):

Esta situação de aprendizagem pretende abrir um espaço para discussões sobre sexualidade de uma forma geral, não se limitando aos aspectos biológicos. Esse espaço pode ser importante para preencher lacunas de informações e refletir sobre preconceitos e tabus em torno do tema. (SÃO PAULO, 2008c, p. 302).

A respeito disto, Silva *et al.* (2011) acrescentam que:

(...) quando se tem a oportunidade de refletir sobre seus preconceitos e sentimentos, percebendo que eles são culturalmente construídos, abre-se espaço – tanto para os alunos, quanto para os educadores – para uma tomada de consciência que pode levar à mudança de atitudes. (SILVA *et al.*, 2011, p. 11).

Apesar de estar inserida no Currículo de Biologia, a visão presente nesta situação de aprendizagem é de uma sexualidade que não se limita aos aspectos fisiológicos e anatômicos, pois como já estabelecido anteriormente, a visão biológica é incompleta para definir a pluralidade das manifestações da sexualidade humana (BRASIL, 1994).

Tabela 3: Situações de aprendizagem sobre Sexualidade previstas no Currículo do Estado de São Paulo para o 2º bimestre de Biologia da 3ª série do Ensino Médio.

Situação de aprendizagem / tempo previsto	Conteúdos	Estratégias
Sexualidade / 4 aulas	Sexualidade; aparelhos reprodutores feminino e masculino; órgãos e funções; métodos anticoncepcionais; aspectos sociais da sexualidade: papéis sociais.	Dinâmica inicial para introduzir o assunto sexualidade, seguida de elaboração de esquemas do aparelho reprodutor; leitura do texto “Muito além do sexo biológico”; elaboração de intervenção no espaço escolar.

Fonte: SÃO PAULO, 2008c

A última etapa da situação de aprendizagem refere-se ao desenvolvimento de um projeto de intervenção na escola, no qual os alunos devem orientar outros jovens sobre métodos contraceptivos e prevenção de DST. Este tipo de ação privilegia o aluno, colocando-o no papel de Aluno Multiplicador, responsável por multiplicar as informações recebidas na escola

(ALTMANN, 2007). Um ponto positivo desta estratégia é a comunicação facilitada, que se deve, provavelmente, à proximidade de idade dos multiplicadores e demais jovens da escola.

Considerações Finais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que a Educação Sexual seja trabalhada transversalmente no currículo. Considero como vantagens desta proposta: a liberdade existente, que permite que o professor que se sinta à vontade, trabalhe o tema; a diversidade de enfoques para o mesmo assunto e, por se tratar de um trabalho em paralelo ao currículo de cada disciplina, a possibilidade de ocorrer sempre que necessário. Por outro lado, observo como desvantagens: a possibilidade de omissão, no caso em que nenhum professor da escola tenha interesse e disponibilidade para desenvolver o assunto e a carência de uma metodologia e de um suporte teórico para o professor que realiza esse trabalho cotidiano com sexualidade.

Para Nunes & Silva (2006), a maior vulnerabilidade da proposta de Educação Sexual como tema transversal é a formação dos professores em sexualidade humana, ou a inexistência dela. Figueiró (2006a) considera a bagagem dos professores e a precariedade dos seus contextos de formação e de atuação profissional como limites à viabilidade dos temas transversais.

Antes da implementação do Currículo de São Paulo, o que observei na minha vivência na escola pública foi a total correspondência entre a presença de algum professor na equipe escolar que se sentisse à vontade para trabalhar o assunto e a ocorrência de atividades e projetos relacionados ao tema. Se ninguém se disponibilizava, nada era feito.

Em relação à Educação Sexual prevista no Currículo de São Paulo, reconheço como vantagens: a obrigatoriedade de trabalhar o tema, uma vez que ele consta do currículo, do material distribuído aos professores e alunos e faz parte de avaliações oficiais, como o Saresp; o fornecimento de recursos didáticos, como a aquisição para as escolas de *kits* com jogos e dinâmicas e disponibilização de orientações para o trabalho com sexualidade, através do Caderno do Professor, abrangendo desde a postura ideal para o professor, o vocabulário adequado até sugestões de estratégias e ferramentas para serem postas em prática na sala de aula. E como desvantagens, destaco: o enfoque biológico, uma vez que os responsáveis pelo trabalho são os professores de Biologia e de Ciências, sendo que os últimos, na maioria das vezes, são biólogos também; trabalho pontual, realizado em alguns bimestres de séries específicas e, novamente, a inadequação da formação dos professores.

A questão crucial e mais importante que surge nesta discussão inicial é a carência de formação inicial e continuada dos nossos professores para a tarefa que os aguarda na sala de aula. Pois, como já dito por Silva & Megid Neto (2006): “Se já é difícil que o professor de Ciências Biológicas assuma o trabalho com a Educação Sexual em todas as suas dimensões, o que dizer em relação aos professores de áreas diferentes, por exemplo, professores de Matemática, Física ou Geografia, distantes desta temática na sua formação inicial?” (SILVA & MEGID NETO, 2006, p. 195).

Mesmo com as iniciativas dos PCN e do Currículo de São Paulo, a inserção da Educação Sexual no ensino básico só ocorrerá efetivamente quando estudos sobre sexualidade forem contemplados nas matrizes curriculares de todos os cursos de Licenciatura. Contudo, compartilho da opinião de Figueiró (2006a) quando, analisando a inserção do tema transversal Orientação Sexual, afirma que a determinação oficial pode fazer com que muitos professores percebam seu despreparo e busquem mais conhecimentos e formação apropriada para lidar com o tema. A abordagem da sexualidade no Currículo de São Paulo pode contribuir com esta tomada de consciência.

Referências

- ALTMANN, H. A sexualidade como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**, n. 46, p. 287-310, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, 225p.
- BRASIL. **Diretrizes para uma política educacional em sexualidade**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. Brasília: MEC/SEPESPE, 1994, 44 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 436p.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006a, 328p.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Linhas**, v. 7, n. 1, 2006b. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323> (Acesso em 14 de julho de 2011).
- FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 190p.
- LABURÚ, C. E.; ARRUDA, S. de M; NARDI, R. Pluralismo Metodológico no Ensino de Ciências. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 247-260, 2003.
- NUNES C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 2005. 141p.
- NUNES, C. A.; SILVA, E. **A Educação Sexual da criança. subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. 133p.
- OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007, 182p.
- RIBEIRO, M. Proposta pedagógica. In: BRASIL. **Saúde e prevenção nas escolas**. Boletim 15, p. 3-23, agosto de 2007.
- ROSISTOLATO, R. P. da R. Orientação sexual na escola: expressão dos sentimentos e construção da autoestima. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 90, n. 225, p. 367-384, 2009.
- SÃO PAULO. **Caderno do professor: Ciências, ensino fundamental – 7ª série, 2º bimestre**. Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2008a. 59p.
- SÃO PAULO. **Caderno do professor: Biologia, ensino médio – 1ª série, 4º bimestre**. Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2008b. 51p.
- SÃO PAULO. **Caderno do professor: Biologia, ensino médio – 3ª série, 2º bimestre**. Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2008b. 48p.
- SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas tecnologias**. Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2010a. Disponível em: http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/36/arquivos/curriculos/reduzido_Currículo_CNT_%20Final_230810.pdf (Acesso em 16 de julho de 2011).
- SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2010b. Disponível em:

http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/36/arquivos/curriculos/reduzido_Currículo_CHT_Final.pdf (Acesso em 16 de julho de 2011).

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2010c. Disponível em: http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/36/arquivos/curriculos/reduzido_Currículo_LCT_Final_230810.pdf (Acesso em 16 de julho de 2011).

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Matemática e suas tecnologias.** Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2010d. Disponível em: http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/36/arquivos/curriculos/reduzido_Currículo_Matemática_Final_020810.pdf (Acesso em 16 de julho de 2011).

SILVA, M. P.; CARVALHO, W. L. P. de. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

SILVA, R. D. da; FIGUEIRÓ, L. A.; NASCIMENTO, M. A. N. do; FIGUEIRÓ, M. N. D. Grupos de estudos sobre Educação Sexual na escola – GEES/ESCOLA: a criação de “rede de formadores”. 2011. Disponível em: <http://sies.cpweb0023.servidorwebfacil.com/index.php/anais-online.html> (Acesso em 06 de novembro de 2011).

SILVA, R. C. P. da; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da Educação Sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA, I. de O.; SIQUEIRA, V. H. F. de; ROCHA, G. W. de F. Educação Sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n. 1, p. 216-231, 2009.